

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: 51

Data: 24.04.80

Pg.: _____

APURINÃS CONCENTRAM-SE PARA ENFRENTAR COLONOS

Os índios Apurinã do Posto Indígena de Boca do Acre começaram a se concentrar ontem à noite e madrugada de hoje no Km 45 da Br.—317 para realizarem uma grande assembléia onde será decretada guerra contra 600 colonos que ocupam seu território.

Os colonos também estão se armando e a área está transformada numa praça de guerra. O Governador José Lindoso, os deputados Vivaldo Frota, Belo Ferreira e a FUNAI foram acusados de atizar os ânimos.

Esta informação foi dada ontem de manhã, através de ligação telefônica, pelo coordenador do CIMI — Acre, Anselmo, enquanto em Manaus o CIMI — Amazonas se declarava em reunião permanente para discutir como superar o conflito. Em Rio Branco foi criado um "Comitê de Diálogo Índios-Posseiros", com a participação de sindicatos de trabalhadores rurais, índios, membros do CIMI, da Comissão Pró-Índio e da Pastoral da Terra. O bispo do Acre, Dom Moacyr Greck revelou-se "profundamente preocupado com o clima de beligerância e tensão". É possível que o Ministro do Interior, Mário Andreazza, que contava passar apenas três horas em Rio Branco, se desloque até a área de conflito.

COLONOS/ÍNDIOS

"Agora vai ter de correr sangue, muito sangue. Se alguém morrer, o Governo resolve o problema. Enquanto não morrer não resolve. E se não resolver, morreremos todos", declarou enfurecido o líder Apurinã, Francisco, ao passar por Rio Branco, no último dia 19, vindo de Brasília.

Francisco e Agostinho, segundo as informações do CIMI, que haviam sido convidados para o ato público no Dia do Índio, em Rio Branco, recusava o convite. Alegaram os dois líderes Apurinã que não confiavam mais em ninguém, contavam apenas com suas próprias forças e se dirigiam diretamente para o Km 45 da Br.—317, que liga Rio Branco a Boca do Acre, a fim de "preparar a assembléia de guerra". "Agora quem vai resolver isto somos nós mesmo", teria declarado Agostinho.

O conflito entre colonos e índios, começou há cerca de 15 anos com a construção da Br —317, que corta o território dos Apurinã. Em 1972 — segundo documento da Comissão Pró-Índio do Acre divulgado no dia 19 último — o "grupo Apurinã que habita o Km da Br—317, teve suas terras invadidas pelo sulista aventureiro, João Sorbielle", mais conhecido como "Cabeça Branca". Não satisfeito com a ocupação ilegal de 345.000ha de terra dos índios, o grileiro vendeu lotes para mais de 600 colonos do sul, em 1975".

A FUNAI removeu recentemente o chefe do Posto, Ronaldo Lima de Oliveira, porque este, de acordo com o CIMI, teria denunciado grilagem na área, feita em complicidade com o INCRA e a própria FUNAI.

O CIMI de Manaus informou ainda ontem, que durante a "Semana do Índio" realizada em Rio Branco, cujo tema central foi "O Conflito de Índios e Colonos Pela Terra", os participantes decidiram criar um "Comitê de Diálogo Índios e Posseiros", com a finalidade de "interferir diretamente em todos os conflitos entre índios e colonos na região".

O Comitê está inicialmente formado pelos Apurinã Leôncio e Rivaldo, do Km. 124 (área não diretamente envolvida no conflito do Km. 45), o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, Wilson Pinheiro, o Tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Branco, Leovegildo Pereira, o Delegado Sindical do Seringal Belo Jardim, Wilson Isaías, o Delegado de Contag, João Maia, um membro da Comissão Pró-Índio, Keyla Diniz, representante do CIMI, Anselmo e o representante da Pastoral da Terra, Sílvio Binolo.

Como nenhum dos integrantes do Comitê é parte diretamente envolvida, a primeira decisão tomada foi o deslocamento o mais rápido possível para a área, o que foi feito na manhã de ontem. O objetivo é integrar os colonos e índios do Km. 45 no Comitê, "a fim de evitar um conflito maior".

A situação é considerada pelo CIMI como das mais complexas, porque os 600 colonos que ocupam terras indígenas compraram essas terras de grileiros João Sorbielle e exibem os títulos correspondentes. Inclusive já plantaram roça e estão individualizados com o Banco do Brasil, alguns deles, segundo o CIMI, em mais de 200 mil cruzeiros.

Por outro lado, as terras ocupadas pelos colonos pertencem tradicionalmente a nação Apurinã, que ainda no início deste século possuía mais de 10 mil índios.

O teatro do SESC do Rio Branco montou uma peça, "Grilagem do Cabeça", onde apresentou o problema, historiando o conflito até o momento. No final, os atores teriam pedido ao público presente que apresentasse a solução para que eles encenassem.

Nas diversas apresentações na capital acreana, o CIMI informou que diferentes cenas foram apresentadas, inclusive o "fuzilamento do Governador José Lindoso, da FUNAI, do "Cabeça Branca" e do INCRA. Na última apresentação, segunda-feira, passada, o chefe de Ajudância da FUNAI, Benamor esteve presente e foi vaiado pelo público.

A solução, entretanto, para o Comitê, é a união dos índios e colonos contra o "Cabeça Branca" Governador e INCRA.

Um dos membros do Comitê, o líder rural Leovegildo declarou que "índios e colonos estão sentindo a mesma dor: precisam se unir e lutar juntos pela terra, que é a única maneira de sobrevivência dos dois. Os grandes fazendeiros não querem que os pobres tenham condições de permanecer na terra".

Uma das soluções apontadas pelo Comitê, é que os índios fiquem com as terras onde estão os colonos e esses ocupem a fazenda de "Cabeça Branca".